

OBAMA E UM NOVO MUNDO

Antônio Álvares da Silva

Professor Titular da Faculdade de Direito da UFMG

A eleição de Barack Obama traz sinais de grande mudança nos costumes e na visão social e política dos Estados Unidos. A história do negro na cultura norte-americana e as discriminações que ele sofreu ao longo da história são os fatos que demonstram esta transformação.

O constitucionalista Bernard Schwartz, no livro *Direito Constitucional Americano*, dedica um capítulo a este tema. A Suprema Corte vem decidindo se certas práticas contra negros são discriminatórias, segundo as Emendas Constitucionais XIII, XIV e XV da Constituição Federal. A luta foi árdua e a conquista da emancipação foi paulatina.

A Emenda XV garantiu o direito de voto a todo cidadão, sem qualquer restrição de raça, cor ou condição anterior de servidão. Porém alguns estados do sul tentaram burlar esta conquista, impedindo os negros de participar das eleições primárias, pois não se tratava de eleições "para eleger", mas sim "para escolher" o candidato.

A fraude à lei era evidente, mas contou com votos favoráveis, até que a jurisprudência compreendesse que a eleição é um processo integral e contínuo, não se admitindo distinção de partes para fazer discriminações em alguns de seus segmentos. Para justificar a discriminação, ouça-se a frase cínica de Lord Bryce, um político sulista da época: "Gostamos dos negros e os tratamos bem. Pretendemos continuar assim. Mas votamos por eles".

Depois foi a restrição em contratos de compra e venda de propriedade imóvel, fazendo-se restrições aos direitos dos negros de adquiri-la. Finalmente instituíram-se diferentes formas de segregação: proibição aos negros de freqüência às escolas preferidas pelos brancos, proibição de freqüência a teatros, cinemas e outras casas públicas. Finalmente, as famosas leis Jim Crow, que proibiam às empresas de transporte conduzir passageiros brancos e negros, no mesmo veículo. Desenvolveu-se aqui também o subterfúgio da regra "separados, porém iguais", ou seja, a separação, por si só, não desigualava os iguais. Mas não podiam estar juntos...

Para referendar tudo isto, nota Schwarz, que estas atitudes tão absurdas só tiveram uso e aplicação com a ajuda e o beneplácito dos tribunais que, através de sucessivas decisões, permitiram a discriminação. Isto mostra que os juízes, como membros do povo, participam consciente ou inconscientemente da opinião pública de sua época. Por isso, raramente são instrumentos de progresso, mas sim de contenção e reação.

Hoje, examinando estes fatos, já superados e atirados no lixo da história, qualquer um se surpreende com o que vê. O negro não só se emancipou, mas deu um gigantesco passo à frente, assumindo, através de Obama, o posto mais alto da nação americana.

A história, com seus avanços e regressos, tem momentos de ascensão e afirmação ética, que nos animam novamente a ter fé na humanidade e na grandeza dos homens.

Porém, do futuro, nada sabemos. O que virá de Obama pode ser o bem e o mal. O mundo pode sofrer uma mudança substancial e assentar as premissas da História em outros fundamentos, que não sejam apenas as conquistas econômicas, a riqueza e a acumulação de dinheiro e poder. Mas também é possível que a tendência atual, que hoje vivemos, não permita que qualquer mudança de fundo e as boas intenções se destruam nos imensos obstáculos de um mundo sem ética e sem princípios, como é este que temos agora, à frente de nossos olhos.

A História só nos permite explicar o presente pelo passado. Mas não o futuro pelo presente. Resta-nos, porém, ter esperança.